

## **Etapas de produção de vídeos em ciência**

Antonio Heberlê

### **Introdução**

A apresentação de conteúdos especializados, como é o caso da ciência, em suportes e meios audiovisuais, constitui-se numa grande vantagem competitiva no disputado mercado da informação. Programas nacionais e regionais de TV, vídeos disponíveis em plataformas especializadas ou programas específicos são consagrados pelas audiências. Afinal, a informação advinda da ciência e da tecnologia carece de explicações detalhadas e a maioria das vezes necessita demonstrar com instruções.

Por isso, é importante pensar no funcionamento dos meios audiovisuais. A primeira reflexão para quem opera nesta área refere-se aos formatos de apresentação das informações, pois elas devem ser ajustadas para o indispensável casamento entre imagem e texto. O texto governa a informação, como em qualquer estrutura jornalística, mas na televisão e no vídeo é necessário funcionar eficientemente a complementaridade entre estas formas de expressão.

Quando se escreve ou se fala para um sistema audiovisual deve-se levar em conta que o texto faz parte de uma só estrutura. Ou seja, o texto precisa ser pensando em como será apresentada a informação como um todo, com as imagens acopladas, porque em vídeo e televisão sempre há algo aparecendo na tela, mesmo quando se tem o mais interessante e apreciável texto.

Este texto está dividido em duas partes, a primeira revisita as principais etapas da produção audiovisual classicamente utilizada em TV e vídeo e na sua parte final orienta para a produção de peças comunicacionais básicas, quando o comunicador dispõe apenas de equipamentos de ampla utilização contemporânea, como as câmeras caseiras ou celulares.

## **Passo a passo da produção audiovisual**

Independente da sofisticação do equipamento disponível para gravação, o primeiro passo ao se produzir para meios audiovisuais é atentar para os sentidos da leitura e escrever para os ouvidos, lendo continuamente o que depois fará parte de uma peça de comunicação. Os jornais impressos apresentam a escrita para os olhos e a leitura pode ser recursiva se o leitor não entender alguma coisa. Na TV e no vídeo não é assim, pois o texto é dito e o receptor tem apenas uma chance de decodificá-lo. A recomendação é ser o mais simples e direto possível. Quando alguém adquire ou mesmo acessa um programa audiovisual numa determinada plataforma, como o Youtube, terá condições de voltar quantas vezes for necessário. Porém, cabe ao produtor de informação primar pela clareza e objetividade que permita a compreensão na peça comunicacional numa única apresentação.

O segundo passo é o de lembrar do casamento texto-imagens e por isso é necessário saber antecipadamente quais as imagens estarão de fato disponíveis, pois o texto deve “funcionar” com as imagens e não competir com elas. Lembre que estas formas diferentes de disponibilizar conteúdos (sonora e imagética) se juntam num mesmo objeto comunicacional para configurar uma unidade de informação.

Quanto ao perfil profissional, o jornalista é o mesmo, a lauda é semelhante à produção impressa e radiofônica, a intenção de passar a notícia é idêntica, mas a especificidade do meio exige do profissional de televisão e vídeo habilidades e especificidades e cuidados próprios (Paternostro, 1999).

## **Citações**

Para utilizar declarações de outras pessoas em notícias e reportagens a recomendação é que as citações devam ser mais curtas que as de jornais impressos. As lógicas de recepção audiovisual na TV e no vídeo implicam que a declaração de alguém pode ser captada de forma cortada ou fragmentada, o que pode modificar completamente o sentido.

Isso não acontece nos jornais impressos, que podem oferecer longas e detalhadas citações de políticos, funcionários governamentais, e outras fontes. Esses conteúdos aparecerão entre aspas e não haverá qualquer dúvida em relação a autoria.

Classicamente a apresentação das notícias na estrutura de um programa ou telejornal pode apresentar textos em diferentes formatos, incluindo as chamadas em cascata das manchetes, cabeças e pés de matéria, notas peladas e notas cobertas, como veremos a seguir. Para que haja uma adequação entre a peça audiovisual (reportagem, nota, documentários, etc) e o programa onde será apresentado (telejornal, programa especial, etc) é importante ter conhecimento das características destas modalidades.

## **Estrutura dos telejornais**

**Manchetes ou Escalada-** Texto curto que destaca os principais assuntos, é lido pelo apresentador em cascata, referente às principais notícias do telejornal.

**Cabeças de matéria-** Quando abre o bloco de notícias os apresentadores chamam as matérias e reportagens, embora seja um texto da editoria o repórter pode sugerir sua configuração;

**Pé de matéria** – As matérias nem sempre necessitam ter um texto dito pelo apresentador ao final da apresentação reportagem, mas terão sempre que houver informação adicional que deve ser agregada ao tema desenvolvido ou mesmo quando há necessidade editorial de passar de um assunto para outro completamente diferente.

**Nota coberta** -Trata-se de uma forma reduzida de apresentação da notícia e que faz parte da linguagem do telejornal. Formalmente é o texto lido pelo apresentador do programa, coberta por imagens relativas ao assunto.

**Nota ao vivo (pelada)** - Ao contrário da nota coberta, neste caso a informação é lida pelo apresentador sem a cobertura de imagens. Em ambos os casos, as informações são curtas e geralmente de última hora. As notas são formas

rápidas de apresentação de notícias, ofertando a atualidade e o frescor noticioso que todo o jornalismo requer.

### **A reportagem de vídeo e TV**

Diferente dos formatos anteriores a reportagem é uma obra de jornalistas em operação direta nos campos de atuação, geralmente fora dos estúdios. A reportagem é a forma mais completa de produção da notícia de televisão. Trata-se de uma informação que geralmente parte do geral para o particular, constando de textos bem articulados e imagens adequadas.

Reportagem, para quaisquer das mídias, implica em se fazer relatos cuidadosos sobre os fatos, o que deve ser sistematizado pelo comunicador e representar o mais fidedigna possível os fatos a que se referem. Enquanto gênero jornalístico a reportagem pode ser caracterizada a partir de determinadas condições de produção, em especial o seu caráter noticioso, que a situa nos limites do jornalismo interpretativo, com análise e valorização dos momentos reais.

Outra condição para o conceito de reportagem refere-se à forma de narração da realidade, não sendo admissível a ficção nem a dramatização, pois se tais aspectos forem incluídos no formato a reportagem daria lugar a outros gêneros, como o melodrama e o filme baseado na realidade.

A reportagem também requer originalidade no tratamento e apresentação dos fatos, os quais se combinam com outras formas jornalísticas, como a entrevista, a pesquisa, o testemunho e o entretenimento. A originalidade é um fator importante e o jornalista precisa se esforçar para revelar os pormenores, aquilo que poderia passar despercebido.

Por isso a fase de preparação é importante a partir do que foi pautado pela editoria. Nesta etapa inicial o comunicador deve se munir do máximo de informações sobre o acontecimento, dos seus contextos, seu enquadramento e dos sujeitos sociais envolvidos na situação onde se inscreve. Para conhecer melhor os protagonistas é preciso saber bastante sobre eles para os

compreender e os apresentar, mas não em demasia para não transformar a reportagem em exaltação à personalidade.

Do ponto de vista formal da apresentação a reportagem é, sobretudo, a narração informativa dos antecedentes, das circunstâncias e consequências previsíveis de um acontecimento. Seu objetivo é de apresentar o acontecimento com várias perspectivas e com vários depoimentos de pessoas envolvidas nos fatos.

Enquanto formato, portanto, a reportagem distingue-se da notícia, pois esta interessa-se pela atualidade imediata e urgente. A reportagem é um formato mais desenvolvido e cuidadoso na medida em que pode recorrer a temas correlatos e informações adicionais para substanciar seus conteúdos. Por isso, para fazer reportagem o jornalista precisa de mais tempo, de muita pesquisa e aprofundamento nos temas que lhe dizem respeito.

Fazer reportagem requer atenção e cuidado nas fases de preparação, investigação e documentação, com checagem e verificação. Em compensação o produto final geralmente é maior e mais plástico do que qualquer outro formato televisivo. Há tempo para se ter cuidados com a qualidade da imagem, do som, dos enquadramentos e imagens de apoio.

Na reportagem há tempo também para cuidar do texto, que é o fio condutor de todo o curso da apresentação das imagens e são elas que podem facilmente sensibilizar o público, chamar a sua atenção para uma questão e potencialmente mobilizá-lo de forma que ninguém pode ficar impassível diante de um bom conteúdo realizado com uma excelente técnica de apresentação.

### **Estrutura da reportagem**

Na edição das reportagens, vários são os formatos possíveis, dependendo da informação a ser prestada e do material visual captado. O formato de edição mais utilizado é aquele que começa com off ou boletim, apresenta uma ou mais entrevistas na sequência e termina com off ou boletim. Evita-se, assim, a palavra inicial e final do entrevistado na reportagem.

## **O boletim**

Neste caso o repórter fica em quadro, ao vivo, no contexto onde o telespectador percebe visualmente o que está acontecendo na reportagem. No boletim a intenção é de mostrar a cena onde ocorre o fato e também inserir o elemento humano na reportagem. Quando não há a figura do falante em uma matéria longa, de 3 ou 4 minutos, a modalidade recai para o documentário.

Uma das condicionantes do boletim é o local, que deve valorizar o clima do acontecimento, ou seja, deve estar contextualizado com o fato narrado. Os usos de paredes neutras de fundo denotam total falta de contextualização, por exemplo. O comportamento visual do repórter deve ser discreto nas cores e nos acessórios, mas dinâmico, sem exageros, nos gestos.

As roupas devem evitar inscrições e listras, que conferem o efeito “murê”, quando há combinação entre as linhas do tecido com as linhas de varredura da imagem de televisão. Pessoas arrumadas demais (para festas), ou com visíveis sinais de desleixo (cabelo desarrumado, roupas com poluição visual), brincos grandes (qualquer acessório do repórter que chame demais a atenção), devem ser evitados. A regra é que o repórter deve ser o mínimo de ruído possível, conferindo máxima atenção para o conteúdo da informação.

O texto de boletim é feito pra ser dito no ato presencial da reportagem. Trata-se de um texto que faz o casamento entre duas formas de apresentação e por isso deve ser complementar às imagens. Como parte integrante da reportagem, o boletim não pode ser longo.

## **A passagem**

A passagem é um tipo específico de boletim, mas importante para mostrar o quão dinâmica pode ser a reportagem. Acontece quando em determinado momento o repórter usa a criatividade para ajustar duas modalidades, que pode ser boletim para entrevista, off in loco para boletim e assim por diante. Geralmente o repórter aparece em quadro e passa, com um texto de transição, para a modalidade de entrevista, tudo ajustado previamente com o câmera, que o acompanha no movimento.

## **A entrevista**

A entrevista é ponto alto da coleta de informações testemunhais sobre o fato narrado e por isso deve receber muita atenção do repórter. Mesmo que tenha pesquisado bastante sobre o assunto, o que é recomendável, é necessário fazer as perguntas corretas, porque a reportagem vai para o público em geral, geralmente leigo e que não se informou anteriormente sobre o caso. Cabe ao repórter fazer as perguntas necessárias, cujas respostas as pessoas gostariam de ouvir. Pensar no telespectador quando se faz a pergunta, portanto, é indispensável. Abaixo algumas dicas sobre a condução das reportagens.

### **Cuidados na condução da entrevista**

Com base nas técnicas e práticas da entrevista, algumas observações podem ajudar na condução das entrevistas, como as regras a seguir:

**Preparação** – seguir a pauta e pesquisar mais, especialmente em temas técnicos;

**Conhecimento** – o repórter não saberá mais do que o especialista, mas não pode ficar inteiramente na mão do entrevistado,

**Mediação** – não esquecer que o papel do jornalista é de mediar e não opinar, dissertar ou explicar o que, mais eficientemente, deve ser dito pelo entrevistado;

**Seleção** - saber o que é notícia (novidade, interesse público, função social, etc), e o que é dispensável e não interessa;

**Isenção** – não existe mediador neutro e que dispense a sua ideologia, mas é preciso exercitar a isenção, parte das regras básicas da deontologia profissional ;

**Foco** – produzir para cinema, vídeo e TV requer concentração, foco, e muito trabalho, o retorno vem na qualidade, produtos bem feitos;

**Edição** – fazer uma boa montagem com todos os materiais captados, o que é uma arte, nem sempre dominada pelos melhores jornalistas.

### **Texto de off:**

O texto de off é aquele que realiza linearmente a costura da reportagem, ligando as partes que aparentemente estão desconexas. É um texto que faz com que todas as partes se encaixem e a reportagem tenha sentido. Quando um entrevistado fala demais e precisa ser cortado, é o off que sintetiza. Quando uma explicação básica precisa ser transmitida para que se compreenda a informação, é o off que realiza esta operação, logo no início da matéria.

Por isso, recomenda-se que o off seja feito somente no final da captação das informações, quando o jornalista está prestes a iniciar o trabalho de montagem. Antes, precisa observar o que foi captado e somente com esta informação disponível, cria o texto que fará com que as partes da reportagem sejam ligadas.

### **O stand up**

Nem sempre é possível fazer uma reportagem e uma nota pode ser pouco para a grandeza dos fatos. Então o repórter pode fazer uma gravação no local para transmitir informações mais elaboradas, mesmo no calor dos acontecimentos.

O Stand up é usado de duas formas. Primeiro quando a notícia que o repórter tem que dar é tão importante que, mesmo sem imagem, vale a pena. Ou pode também constituir-se numa modalidade de apresentação da notícia que, ao cabo, não necessita de edição (ou pouca) pois o repórter faz boletim, off e entrevista numa sequencia alternada a fim de mostrar os fatos em sua dinâmica. Jornalistas mais experientes fazem excelentes stands ups, seja quando entram ao vivo, seja quando elaboram este formado para evitar longo tempo de edição.



## **A pauta para a reportagem**

O enquadramento da pauta de um acontecimento pode ser substanciado pela documentação, como fotografias e imagens de arquivo. Por pouco tempo que se tenha, isto permite uma pré-localização e pode ser imprescindível para realizar determinados tipos de matérias, como é o caso da cobertura científica.

A documentação fornece dados sobre os estágios de desenvolvimentos das atividades científicas, os avanços obtidos até então, os estágios alcançados. Mais vale ter estes elementos disponíveis ao deixar a redação, do que procurá-los junto ao cientista, dispensando um tempo precioso.

A documentação é sempre mais rica no domínio do contexto. Sem esse background, o repórter arrisca-se a compreender mal ou a não compreender as informações que recolherá no local do acontecimento, pelo cientista ou pelo técnico no assunto. Evidenciada a fraqueza do repórter os técnicos tendem a conduzir a entrevista ao seu modo, dizendo o que deve ser apresentado, inclusive.

A documentação de suporte pode ser recolhida em qualquer fonte, em inúmeros organismos, ministérios, instituições privadas ou internacionais, em seus sites onde há muita informação disponível. Como a internet é um mundo de informações é preciso ter cuidado com o que lá está. Nada que uma checagem eficiente não identifique contradições, usando a própria rede.

O repórter deve saber quais as informações deverá recolher em função do ângulo escolhido. Assim, pode indicar rapidamente ao operador de câmara quais as imagens que lhe parecem susceptíveis de conter ou ilustrar o resto da informação.

## **A angulação da reportagem**

Uma das características da reportagem, seja ela televisiva, escrita ou radiofónica é o ângulo a escolher. A transmissão de todos os elementos recolhidos sobre um dado acontecimento é muito vasta e pouco agradável ao público sem qualquer preparação feita pelo repórter. Ao preparar conteúdos

técnicos e científicos o repórter precisa selecionar, escrever e montar as informações mais importantes, seguindo a angulação sugerida pela pauta.

Para que isso aconteça, é preciso determinar o ângulo da reportagem. O ângulo (GANZ, s.d), é o ponto de vista escolhido pelo jornalista para tratar um assunto. Um único aspecto é abordado, mas é abordado em profundidade. A abordagem dirigida do assunto deve elucidar o conjunto.

O ângulo é selecionado de maneira a dar uma ideia global do conjunto e analisada sob todas as suas facetas. É definido por quem encomendou a matéria e o repórter precisa ficar atendo ao foco antes de ir para o local dos acontecimentos. Por vezes cabe ao repórter defini-lo, face a força dos elementos factuais.

Habitualmente, dá-se importância ao que é mais recente, mais vivo, mais concreto, ao factual, sob forma de relato por uma testemunha ou de peça escrita pelo jornalista. O olhar do repórter, a sua curiosidade, as suas próprias dúvidas fazem a reportagem mais acesa e vibrante.

Ao se escolher o ângulo é preciso também pensar no público e onde o material será veiculado. O que é comum para determinadas pessoas pode ser informação sofisticada para outros públicos, principalmente quando se trata de temas relativos ao conhecimento científico.

## **O documentário**

Além da reportagem e da notícia, o documentário se apresenta como uma modalidade interessante para a produção de informações científicas, mas existe uma série de diferenças quanto ao tratamento da informação. A mais significativa diz respeito à mudança de gênero jornalístico onde o roteiro passa a ser a peça fundante de todas as atividades (para o documentário). No entanto, as considerações até hoje feitas em manuais de jornalismo ou livros de comunicação sobre o emaranhado problema da classificação dos gêneros jornalísticos configuram-se pouco esclarecedoras. Limitam-se a dividi-los entre opinativos e informativos, esquecendo-se de apontar características linguísticas, discursivas, ou mesmo jornalísticas, intrínsecas a cada um deles.

O gênero documentário refere uma modalidade muito peculiar para a apresentação de temáticas sobre técnicas científicas porque requer um passo a passo roteirizado dentro do jornalismo eletrônico. Tem como característica transformar o banal do cotidiano em uma peça de alta atração em função da possibilidade de aprofundar as temáticas. Não deixa de ser poético e subjetivo, carregando a marca de seu autor.

De qualquer forma é interessante saber que telejornalismo e documentário para a televisão são gêneros que se aproximam e se afastam, dependendo do contexto. A entrevista em ambos os gêneros aparece como uma das etapas em destaque, já que o testemunhal é um dos recursos narrativos mais fortes na televisão.

Documentários e reportagens são formas de registrar as relações entre os sujeitos sociais e suas formas de organização no espaço público. O documentário em vídeo pode abordar assuntos da vida real, pessoas, eventos ou questões científicas, constituindo-se em excelentes peças descritivas (uma vez que bem roteirizadas) para fornecer informações educativas e científicas.

### **A captação com o celular ou câmeras digitais**

No caso de o jornalista dispor de equipamento e pessoal preparado para fazer a gravação das imagens e inclusive editá-las todas as informações anteriores são importantes. Mas a evolução tecnológica permite que hoje câmeras digitais usadas para captar fotos e celulares sejam utilizadas com grande êxito na produção de materiais audiovisuais. Então, se a pergunta for: é possível fazer um vídeo ou uma reportagem utilizando equipamentos que se tem em casa? A resposta é sim.

Mas não se pode descuidar de algumas regras básicas deste tipo de produção, pois pode ser um pouco mais complicado do que parece. A pré-produção de um audiovisual com uso do celular precisa ser mais detalhada. Começa com a escolha do local, porque as câmeras mais simples dos celulares, por exemplo, não contam com recursos de compensação, como as

profissionais. Um lugar bem iluminado, sem excessos, é o mais apropriado, principalmente quando se tem a gravação de entrevistas, pois as cores da pele humana são uma composição difícil de captar integralmente, mesmo em equipamentos profissionais.

A explicação técnica é longa, mas pode ser resumido assim: o sensor dos celulares e câmeras digitais básicas é muito pequeno e captam pouca luz para compor a imagem. Por isso, mesmo quando se grava em HD ou Full HD, não significa que o resultado seja igual ao obtido com uma câmera de vídeo ou fotográfica profissional (dSLR).

Outra dificuldade a enfrentar é com a estabilidade do equipamento, pois normalmente o celular fica livre, na mão. Porém, todo o movimento de câmera em TV é ruído, mesmo os mais planejados, pois o equipamento corrige digital e continuamente as imagens e isso determina menor qualidade de captação. Deixar acontecer os fatos na frente da câmera, que se mantém estática, é a melhor saída para este problema. Movimentos lentos e estabilizados, quando necessários, ajudam. Equipamentos de suporte da câmera (tripés) ou celular (aqueles usados para selfies) são a melhor dica.

A captação do som é outro problema, pois os celulares e as câmeras digitais comuns geralmente não tem entrada para microfone. Neste caso é possível usar um adaptador para conectar um microfone de lapela ao celular. A maioria dos aparelhos tem entrada para plugs pequenos. A qualidade de áudio costuma ficar bem melhor do que a captada pelo microfone da câmera. Outra saída é de captar o som em separado, num gravador digital ou outro celular e depois sincronizar na edição ou montagem.

Outro problema é a falta de operadores para o vídeo, alguém que opere a câmera. No caso de se necessitar de movimentos na produção praticamente não há saída, a não ser o uso do famoso “pau de selfie”. Mas, se for possível usar um tripé, pode-se usar um recurso disponível em várias câmeras, a tela giratória, que mostra a imagem para a pessoa que está sendo gravada. Isso resolve a captação de um boletim, por exemplo. Também é possível gravar com a câmera frontal do celular para ter um retorno da imagem na tela, mas

nesse caso o vídeo tem resultado inferior, pois a câmera frontal tende a ser inferior à câmera traseira.

Em síntese, pode-se sem muita dificuldade produzir bons programas com recursos tecnológicos mínimos, pois a qualidade de um vídeo tem muito mais relação com as técnicas de gravação do que com o equipamento em si. Por isso, tantos filmes fazem sucesso em plataformas como o youtube, com milhões de acessos.

A edição dos vídeos captados pelo celular ou em câmeras digitais também pode ser um problema depois de tudo captado. Recomenda-se captar as imagens e sons para um computador pessoal e usar os programas simples de edição disponíveis nos sistemas operacionais, embora seja possível cortar e montar mesmo nos celulares. Enfim, são várias as formas de montagem, mas este é um bom motivo para outro artigo.

## **Bibliografia**

GANZ, Pierre - A Reportagem em Rádio e Televisão. 1ª ed., Lisboa, Editorial Inquérito, s.d.

García, Jaime Barroso, Realización de los Géneros Televisivos, 1ª ed., Madrid, Editorial Síntesis, 1996, p. 420.

Paternostro, Vera Iris. O Texto na TV, manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.